



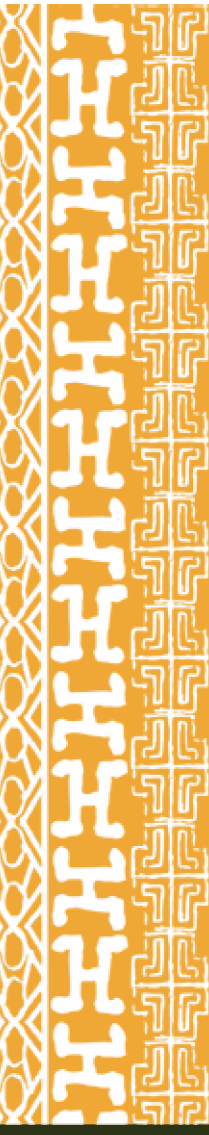
OFICINA DE TREINAMENTO DE GUIAS DE PESCA INDÍGENAS (OGPIs)



São Manoel
ENERGIA

EMPRESA DE ENERGIA SÃO MANOEL (EESM)
& ALEC KRÜSE ZEINAD - ME





OFICINA DE TREINAMENTO DE

GUIAS DE PÊSCA INDÍGENAS

(OGPIs)

EMPRESA DE ENERGIA SÃO MANOEL (EESM)
& ALEC KRÜSE ZEINAD - ME

Pesca Esportiva

Desde o início da humanidade (Homem moderno) a pesca vem sendo praticada como atividade de subsistência. A necessidade de sobrevivência fez com que o Ser Humano buscasse na natureza seus alimentos e por meio da pesca, também encontrou parte do que necessitava. Métodos e técnicas foram desenvolvidas com o intuito de entender cada vez mais o comportamento dos peixes e facilitar sua captura. Com o passar dos anos, o Homem moderno foi modificando o seu modo de vida e sua relação com o meio ambiente. Com essas mudanças a pesca assumiu valores diferentes e passou a representar, além de um meio de subsistência, uma importante alternativa de lazer. Daí ser considerada um esporte e parte de um segmento econômico foi só questão de tempo.

O conceito de Pesca Esportiva é hoje bastante discutido e por ser novo em nossa cultura, ainda não é claramente entendido por todos. Se para alguns significa o simples ato de pescar com iscas artificiais, para outros, e aqui nos incluímos, o conceito de Pesca Esportiva está muito mais ligado à relação do pescador com o meio ambiente e ao seu sentimento quando pesca, do que ao equipamento utilizado. Existem pescadores que utilizam equipamentos super-modernos e que nada tem de esportivo, depredando o meio ambiente e sentindo prazer ao matar os peixes. Por outro lado, há pescadores de linha de mão que agem e se comportam como verdadeiros esportistas.


O ato de pescar e soltar não significa deixar de ter o peixe como alimento, mas sim sentir emoção ao pescar, pela disputa, pelo domínio das técnicas, ou seja, pela arte de pescar. Levar poucos, soltar muitos e sentir prazer é um bom lema para sustentar o esporte.

Hoje a Pesca Esportiva pode ser considerada uma grande paixão mundial. O crescimento desse esporte e do segmento, como gerador de recursos, é expressivo em muitos países. O comércio de peixes de rios, lagos e manguezais está cada vez mais regulamentado em todo o mundo.

A Pesca Esportiva precisa ser vista como um segmento da economia, capaz de gerar recursos, empregos e a melhoria da qualidade de vida. Por exemplo, nos Estados Unidos, é marcante o desenvolvimento da atividade como negócio sendo suportada por um meio ambiente preservado, regulamentações adequadas e visão profissional de longo prazo por parte dos atores envolvidos no elo da cadeia produtiva do setor. Parques (Nacionais e Estaduais) com legislação rigorosa, fiscalização severa e muitas pesquisas, garantem a conservação e o crescimento dos estoques pesqueiros. As estruturas hoteleiras de pesca, os guias, as lojas e todos os que trabalham no segmento, agem com muito profissionalismo ao receber os turistas pescadores, que são atraídos pela fartura e variedade de peixes e pela real possibilidade de baterem recordes mundiais de várias espécies, em diferentes categorias. Campeonatos bem estruturados, com valiosos prêmios, programas de televisão e revistas especializadas, ajudam a fortalecer o setor.

Esse trabalho sério e consciente feito nos Estados Unidos tem proporcionado o desenvolvimento acelerado desse setor, que, em 1997, movimentou recursos da ordem de US\$ 48 bilhões, ou seja, 100 vezes mais que o Brasil atualmente, passados quase 20 anos!

Com uma área de 8,5 milhões de km², recortados pela maior rede hidrográfica do mundo (Bacia Amazônica), um litoral com mais de 7.500 km de extensão, muitas áreas de manguezais (10.000 km²), um clima tropical



favorável e uma grande variedade de peixes, o Brasil possui todos os recursos naturais necessários e pré-requisitos para ter uma Pesca Esportiva das mais desenvolvidas do mundo, capaz de atrair turistas de todos os países, gerar recursos que poderiam ser utilizados na melhoria das estruturas hoteleiras, das condições do meio ambiente e do nível social.

No entanto o país está atrasado em relação ao resto do mundo e precisa desenvolver com urgência uma política moderna para o setor. Ainda é um país carente de investimentos em pesquisa, de legislações específicas, fiscalização e infraestrutura necessária para o desenvolvimento do turismo de pesca. Para se ter uma ideia, nos EUA em 2014, foram emitidas mais de 33 milhões de licenças de pesca enquanto que no Brasil foram emitidas cerca de 350.000 licenças pelo Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA).

Caminha-se, mas muito lentamente. Hoje os hotéis já oferecem um serviço de melhor qualidade, os guias são mais profissionais e muitos já perceberam as vantagens do desenvolvimento da Pesca Esportiva e começam a atuar para melhorar ainda mais o setor. O crescimento do mercado também pode ser observado pelo aumento do número de lojas especializadas em equipamentos e materiais de pesca, aumento dos programas de televisão, o aumento da indústria nacional no setor, das estruturas de pesque e pagues, que já passam de 3.000 no país, e dos destinos de pesca e das agências de turismo, que oferecem serviços cada vez melhores, motivados pelo crescimento da concorrência que não pára de crescer.

Se bem conduzida, a Pesca Esportiva no Brasil movimentará cada vez mais recursos, contribuindo para melhorar a distribuição de renda, com

mais lucro, melhores salários, condições de trabalho, além de ajudar na conservação e preservação do meio ambiente, já que sem ele é inútil fazer um treinamento para guias de pesca, pois, no futuro, se nada for feito, poderemos ter somente a pesca virtual, operada nos computadores.

O papel do guia de pesca é fundamental, considerando que é ele quem passa mais tempo com o turista. O guia é um elemento muito importante, pois, se executar bem a sua função, garante em boa parte a satisfação e o retorno do seu cliente: o “Turista da Pesca Esportiva”.

É por isso que este curso está sendo feito para os guias de pesca indígenas. É a visão externa do turista da pesca, tanto do cliente nacional como do estrangeiro, e o que ele espera encontrar no guia de pesca, seu parceiro, é um modelo de pescador que conhece sobre sua região, seus peixes e a pesca em si.

BIOLOGIA

O que são Peixes?

Os peixes fazem parte do grupo dos seres vivos chamados animais. De maneira geral, os animais são seres vivos incapazes de produzir o próprio alimento, necessitando consumir outros animais ou seres vivos tais como as plantas e suas partes, e apresentam o corpo constituído por diversos tipos de tecidos, órgãos e sistemas. Diferente de outros seres vivos os animais possuem sistema nervoso e apresentam capacidade de locomoção.

O imenso grupo dos animais pode ser dividido basicamente em dois grandes subgrupos: o dos animais invertebrados e os animais vertebrados. O grupo dos invertebrados é formado pelos animais mais simples e pequenos como os protozoários (animais que podem ser formados por uma única célula), passando por animais com organização muito simples como as esponjas e as águas vivas, e o enorme grupo dos animais com esqueleto externo articulado (os artrópodes, que incluem os insetos, aranhas e escorpiões, caranguejos e camarões, as centopéias e lacraias), até os animais como os polvos e lulas. É o maior grupo de animais que vive em nosso planeta.

Por outro lado existe o grupo dos animais vertebrados, que são identificados por apresentarem, entre outras características, um esqueleto interno com presença de um crânio e coluna vertebral. Dentro do grupo dos animais vertebrados existem cinco subgrupos diferentes: os peixes (com diferentes formas como os peixes cartilaginosos, representados pelos tubarões e arraias, as lampréias e os peixes ósseos, que constituem os principais alvos das pescarias), os anfíbios (sapos e pererecas), os répteis (cobras, lagartos, tartarugas e jacarés), as aves (animais com

penas e capazes de voar), e os mamíferos (que incluem as baleias, botos, ariranhas, morcegos e o próprio homem).

O grupo dos animais vertebrados possui cerca de 56.900 espécies, número muito pequeno quando comparado aos milhões de espécies de invertebrados existentes, com número total ainda difícil de ser imaginado. É difícil determinar esse número com exatidão, já que muitos grupos ainda não foram inteiramente estudados. Pode-se citar, como exemplo, o grupo dos insetos, que possui seguramente mais de 1 milhão de espécies conhecidas, mas, segundo estimativas, poderia passar dos 30 milhões. As florestas tropicais detêm a maior diversidade e a Floresta Amazônica, por ser a maior do mundo, reúne a maior riqueza de invertebrados terrestres.

Do total de espécies de vertebrados existentes, cerca de 32.400 (57% do total das espécies de vertebrados) constituem o chamado grupo dos peixes. É um grupo bem diverso, com formas variadas e bem diferentes entre si e que ocupa uma grande variedade de ecossistemas aquáticos, tanto de águas doces, salobras e salgadas. O grupo dos peixes tem origem muito antiga. Sua história evolutiva iniciou-se numa época anterior ao período Ordoviciano, há mais de 500 milhões de anos. Atualmente os peixes ocupam diferentes ambientes aquáticos existentes nas mais diversas regiões do globo. Podem ser encontrados desde os rios intermitentes, que drenam regiões áridas ou semi-áridas como na região nordeste do Brasil e no norte e centro da África; poças de águas termais na África, com mais de 60°C, abrigam espécies exclusivas de tilápias que ocorrem somente nestes ambientes. Os rios, riachos e também os lagos gelidos de altas montanhas (existem ambientes ocupados por peixes a mais de 4.000m de altitude), ou nos pólos, cujas temperaturas da água

podem alcançar temperaturas de até -2°C, também abrigam uma significativa porção de espécies exclusivas destes ambientes; por exemplo, na Antártica existem membros da família Nototheniidae que dominam os gelidos ecossistemas aquáticos, com mais de 50 espécies. Por outro lado, os peixes também são encontrados nos rios e lagos das regiões tropicais, sub-tropicais e temperadas e até nas profundezas dos oceanos a mais de 11.000 metros, nas chamadas fossas abissais.



Fonte: Peixes Fluviais do Brasil: espécies esportivas

Os peixes apresentam determinadas características próprias que os diferenciam dos demais grupos de vertebrados. A temperatura do corpo é sempre igual a do ambiente em que se encontram, e por este motivo só ficam ativos quando a temperatura está adequada (Animais Ectotérmicos). Raríssimos peixes, como os atuns, são capazes de apresentar temperatura corpórea maior que a da água, mas, mesmo assim, não são capazes de manter a temperatura constante. A respiração é feita por meio das brânquias, ou guelras, de onde retiram o oxigênio dissolvido na água (Contudo existem peixes com órgãos respiratórios auxiliares, como as tuviras, sarapós, o pirarucu, o mussum etc). A locomoção é feita por meio de barbatanas ou nadadeiras e o corpo geralmente é recoberto por escamas, mas existem peixes revestidos por placas ósseas, como os cascudos, ou uma pele grossa conhecida vulgarmente por "couro", nos peixes lisos/feras. É preciso lembrar que, para definir um peixe, é preciso que estas características estejam todas presentes num único

animal, pois se estiverem isoladas não servem para definir este grupo de animais. Por exemplo, os répteis e os anfíbios também têm temperatura igual a do ambiente, alguns anfíbios respiraram por brânquias, etc.

Quantas espécies de peixes existem?

Cerca de 58% de todas as espécies de peixes ocorrem nas regiões de água salgada e 41% nos ecossistemas de águas doces de rios e lagos; o 1% restante é constituído por espécies que transitam entre estes dois principais ambientes nos ambientes de água doce. Atualmente a ciência reconhece a existência de 515 famílias de peixes, distribuídas em 62 ordens. As ordens e famílias que apresentam o maior número de espécies são: Ordem Cypriniformes - Família Cyprinidae (das carpas e afins, com 2.420 espécies), Ordem Gobiiformes - Família Gobiidae (pequenos peixes de água salgada, aparece em 2º lugar com 1.950 espécies), Ordem Perciformes - Família Cichlidae (peixes de água doce como os carás e tucunarés, figura em 3º lugar com 1.300 espécies) e os peixes da Ordem Characiformes - Família Characidae (peixes de água doce típicos das Américas Central, do Sul e da África, que figura na 4ª posição com 962 espécies). Cerca de 12.000 espécies válidas, reconhecidas atualmente, habitam os diferentes ecossistemas de água doce da Terra.

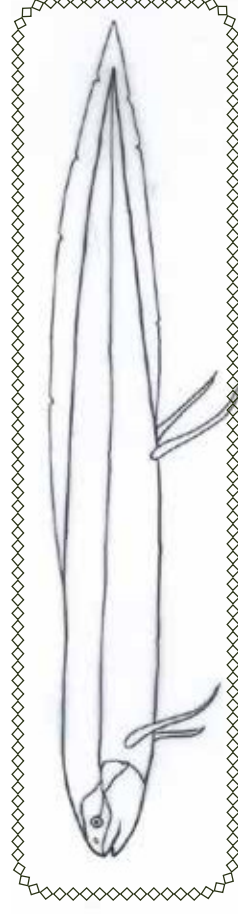
Os animais denominados simplesmente por peixes, na realidade são bastante distintos entre si, e pertencem a diversos grupos (linhagens filogenéticas) com origem num grande grupo animal denominado Chordata (animais que apresentam a notocorda, o precursor da coluna vertebral), e ao grupo chamado de Craniata (Chordata com crânio). Assim sendo, os animais denominados genericamente por peixes, um grupo artificial que reúne diferentes vertebrados aquáticos, estão divididos em seis classes: Myxini (peixes-bruxa), Petromyzontiformes (lampréias), Chondrichthyes (tubarões e raias), Actinopterygii (peixes ósseos com

nadadeiras raiadas), Coelacanthiphorma (celacantos) e Dipnotetrapodomorpha (piramboia e demais peixes pulmonados). A grande maioria das 32.400 espécies animais denominadas por peixes conhecidos atualmente, quase 31.000, ou seja 96%, pertencem ao grupo dos peixes com nadadeiras raidadas (Actinopterygii). O único grupo com grande riqueza de espécies além de Actinopterygii são os tubarões, raias e quimeras (Chondrichthyes), com aproximadamente 1.290 espécies reconhecidas atualmente. Portanto os animais denominados por "peixes" é hoje considerado pelos zoólogos como um agrupamento informal, já que evolutivamente não se trata de um grupo natural, e sim uma série de grupos, sendo Coelacanthiphorma (celacantos) e Dipnotetrapodomorpha (piramboia e demais peixes pulmonados) os mais "derivados", isto é, os mais próximos dos animais que no período Devoniano (380-365 milhões de anos atrás) colonizaram os ambientes terrestres e que são intermediários entre os peixes e os Tetrapoda (grupo que inclui anfíbios, répteis, aves e mamíferos), apelidados de "peixápodos".

Diversidade de peixes de água doce no Brasil

Praticamente todos os peixes de água doce brasileiros pertencem à classe Actinopterygii. Esta classe inclui os peixes ósseos de nadadeiras raiadas, isto é, as nadadeiras são suportadas externamente por ossificações estreitas, chamadas raios (embora essa característica não seja exclusiva do grupo e esteja presente também em outros grupos, como nos celacantos e peixes pulmonados). Os únicos peixes de água doce brasileiros que não pertencem a essa classe são as raias de água doce (*Potamotrygonidae*) e a piramboia (*Lepidosiren paradoxa*), que pertencem, respectivamente, aos Chondrichthyes e aos Coelacanthiphorma. Há mais dois representantes de Chondrichthyes ocasionalmente capturados nas águas doces da bacia amazônica e dos rios do Maranhão:

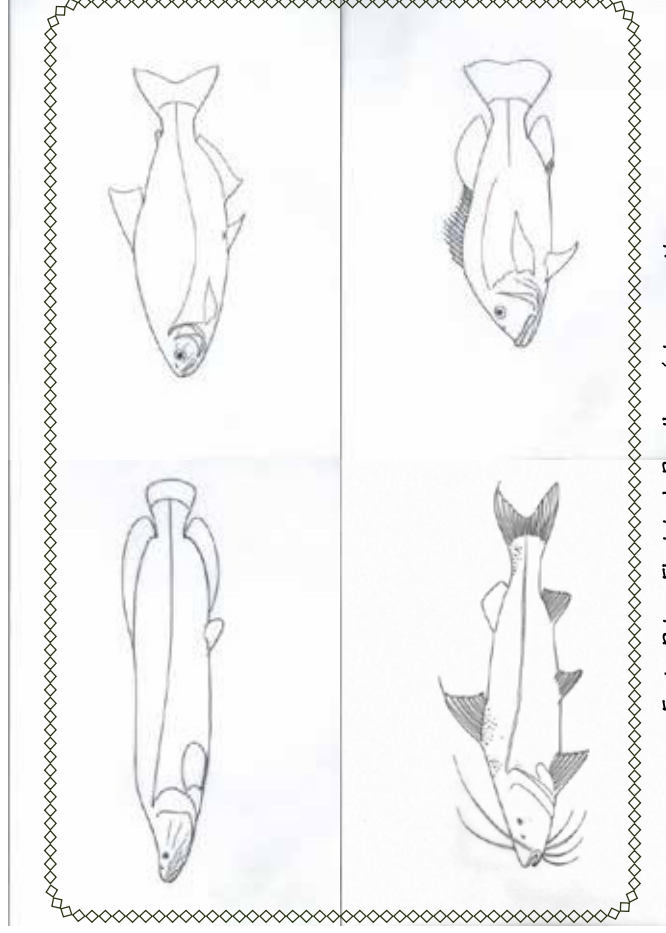
o tubarão-cabeça-chata (*Carcharhinus leucas*) e o peixe-serra (*Pristis pristis*), mas estes são peixes estuarinos/marinhos que ocasionalmente penetram nas águas doces; o cabeça chata pode chegar a subir mais de 4.000km da foz do Amazonas até a cidade de Quito no Equador! Não existe uma compilação recente das espécies de peixes de água doce brasileiros, mas seguramente existem mais que 2.600 espécies cientificamente registradas no país. No ambiente marinho existem 1.300 espécies registradas sendo que a diversidade destes peixes que ocorrem no Brasil não é significativa, mas na água doce não há lugar no mundo com tanta riqueza de espécies.



Fonte: Peixes Fluviais do Brasil: espécies esportivas

Os Actinopterygii que ocorrem nas águas doces brasileiras pertencem a 4 grupos principais: a ordem Osteoglossiformes (formada apenas pelo pirarucu e duas espécies de aruanãs), a ordem Clupeiformes (apapás e manjubas), Ostariophysi (que inclui as ordens Characiformes (cachorras, matrinxãs, lambaris, aracus, pacus e piranhas entre outros), Gymnotiformes (ituis, sarapós e tuiaras) e Siluriformes (peixes de couro, liso ou fera), que consistem na esmagadora maioria dos peixes que ocorrem no Brasil, e a divisão Percomorpha ou Percomorphacea (que inclui diversas ordens, a maioria com poucos representantes nas águas doces brasileiras, com exceção da família Cichlidae). Dentre esses grupos os Osteoglossiformes são considerados o grupo mais basal (mais "primitivo", por ter se originado antes), seguidos pelos Clupeiformes, Ostariophysi e Percomorpha. É difícil, contudo, especificar características morfológicas que separam esses grupos, pois há muita diversidade morfológica em

todos eles; por exemplo, os Cichlidae da região Neotropical (Américas Central e do Sul) reúnem cerca de 450/500 espécies com formas muito distintas como os acarás disco (*Symphysodon spp.*) com suas formas arredondadas e os jacundás (*Crenicichla spp.*) muito alongados; já na África, que reúne mais de 1.000 espécies, os cichlídeos tem todos um jeito muito parecido, como as tilápias.



Fonte: Peixes Fluviais do Brasil: espécies esportivas

O Brasil é o país com o maior número de espécies de peixes de água doce de todo o planeta e a maior diversidade de peixes está presente nos ambientes de água doce: rios e lagos. São mais de 2.587 espécies de peixes conhecidas atualmente e que se encontram distribuídas nas doze principais bacias hidrográficas brasileiras. As espécies de peixes de água doce do Brasil estão distribuídas da seguinte forma: cerca de 1.700 espécies na bacia Amazônica, 600 espécies distribuídas na bacia do Prata (formada pelos rios Paraguai, Paraná, Uruguai), 150 espécies na bacia

do Rio São Francisco e as demais espécies distribuídas nas outras bacias hidrográficas. A maioria das espécies de peixes com tamanho grande e médio já foram quase todas identificadas, pois são mais comuns e fáceis de serem capturadas por pescadores; contudo uma grande variedade, a maior de todas, é formada pelos peixes pequenos, com tamanhos geralmente inferiores a 20cm. É neste grupo que são descritas novas espécies, com ênfase para a região da bacia Amazônica. Este imenso grupo, formado por pequenos peixes de escamas e bagres, ainda contém muitas formas que não foram descritas, como as famílias dos lambaris, piabas (Characidae) e dos cascudos (Loricariidae). O avanço das pesquisas em áreas que ainda não foram estudadas, como regiões de cabeceiras de muitos rios, certamente irá causar um aumento do número total de espécies de peixes de água doce. Para se ter uma idéia, na Amazônia estima-se que devem existir um total de 3.000 espécies de peixes, contra as 1.700 conhecidas atualmente.

Anatomia Externa e Interna

Os peixes são animais vertebrados que vivem constantemente dentro da água e têm seu adaptado para desempenhar todas as funções vitais neste meio. É na água que os peixes respiram, comem, nadam e se reproduzem. As principais adaptações dos peixes para viverem no meio aquático que mais nos chamam a atenção é o formato geral do corpo, mais fino nas extremidades e mais grosso na parte central, bem como a presença de nadadeiras, os apêndices locomotores.

O formato do corpo dos peixes é determinado principalmente pelo esqueleto da cabeça, do tronco e da cauda, revestido pelo tecido muscular mais as nadadeiras. Pode se aprender muito sobre a biologia das espécies apenas observando-se o formato geral do seu corpo, nadadeiras, orientação da boca e o pedúnculo caudal. O formato do corpo e a posição da boca podem indicar se o peixe vive na coluna d'água, no

No tronco estão presentes as vísceras, que compõe os chamados órgãos internos. Na parte anterior ligada à cabeça começa o trato digestivo propriamente dito. O esôfago geralmente é curto e leva o alimento diretamente para o estômago, mais facilmente identificado nos peixes com hábitos alimentares carnívoros e onívoros, como os surubins, tucunarés e os aracus. Após a passagem do alimento pelo estômago, que inicia o processo de digestão, ele é direcionado para o intestino que vai processar a digestão e absorção da maior parte dos alimentos. Órgãos acessórios como o fígado e o pâncreas, que nos peixes é difuso, participam do processo de digestão liberando hormônios e enzimas específicos. A parte final do intestino é responsável pela absorção de água e formação das fezes. Além das funções relacionadas à digestão e o metabolismo de substâncias, o fígado também é responsável pela produção de glóbulos vermelhos para o sangue.

O sistema circulatório está intimamente relacionado com o respiratório, no caso as guelras. O coração está posicionado em posição ventral, logo após a cabeça, e fica situado à frente das nadadeiras peitorais. Ele bombeia o sangue, que chega do corpo por uma grande veia e sai por uma artéria que se divide em oito ramos para a irrigação das brânquias. Nas brânquias o sangue se distribui por toda sua extensão até as lamelas, lugar onde ocorrem as trocas gasosas. Após a passagem pelas guelras, o sangue oxigenado é reunido no alto da cabeça e daí distribuído para as regiões anterior e posterior do corpo do peixe. No retorno para o coração, o sangue passa pelos rins, situado abaixo da coluna vertebral, onde é filtrado e ocorre a formação de urina. Os rins também têm participação ativa na produção de células do sangue, em especial da série branca ou de defesa.

Na porção superior da cavidade abdominal, embaixo dos rins, encontra-se a bexiga natatória. Este órgão apresenta geralmente forma de

saco, que muitas vezes lembra um saco plástico transparente, e tem como principal função ajudar na flutuação do corpo. Em algumas espécies, como o pirarucu e a pirambóia, a bexiga natatória pode funcionar como órgão respiratório semelhante a um pulmão.

Complementando os órgãos internos, existe um órgão par situado na porção posterior da cavidade abdominal com participação na reprodução, as chamadas gônadas. Elas são as responsáveis pela produção das células germinativas: os espermatozoides e ovócitos. As gônadas femininas são denominadas ovários e as masculinas, testículos. Elas se abrem na mesma cavidade que os rins, por onde liberam os espermatozoides e ovócitos responsáveis pela reprodução.

A região da cauda está situada logo após o tronco. Ela é constituída basicamente pela região posterior da coluna vertebral, que nesta porção é recoberta por músculos, mais o sistema de revestimento composto pela pele e as escamas e/ou "couro". A região da cauda participa ativamente do processo de natação e, na maioria das espécies de peixes, é responsável pela propulsão do corpo por meio da nadadeira caudal.

Complementando o corpo dos peixes, encontram-se as nadadeiras ou barbatanas, que constituem seu quarto componente. Elas estão dispostas ao longo do corpo e têm como principal função o deslocamento destes animais no meio líquido. A nadadeira situada em posição superior, no dorso, recebe o nome de nadadeira dorsal. Algumas espécies como o tucunaré, os carás e as pescadas, entre outras, podem ter duas nadadeiras dorsais. A nadadeira dorsal atua conjuntamente com a nadadeira anal, situada após a abertura do ânus, e são responsáveis pelo equilíbrio lateral do corpo.

Em algumas espécies estas nadadeiras podem apresentar espinhos e também assumem função de proteção. No caso de alguns peixes,

atuam na sua propulsão, como a nadadeira dorsal do peixe espada e a nadadeira anal dos sarapós e tувiras. A nadadeira localizada no final do corpo, a região da cauda, recebe o nome de nadadeira caudal. Tem como principal função impulsionar o corpo do peixe para a frente. Após a cabeça, em posição lateral, situam-se as nadadeiras peitorais que têm a função de manobrar o corpo do peixe em todas as direções. As nadadeiras peitorais são responsáveis pelos movimentos realizados para os lados, para cima e para baixo. No caso dos bagres, estas nadadeiras juntamente com a dorsal, têm um raio duro, ou espinhos, que ajudam na proteção. Na tувira a nadadeira anal é a única que move o peixe para a frente e para trás. As nadadeiras abdominais, situadas na região do abdômem ou ventre, auxiliam as nadadeiras peitorais nas manobras do peixe e também podem desempenhar uma função semelhante à quilha de uma embarcação, mantendo o peixe em um rumo pré-determinado.

Externamente o corpo dos peixes pode ser revestido por escamas, placas ósseas, ou uma camada de pele bem grossa chamada vulgarmente de couro. Têm a função de melhorar a hidrodinâmica, facilitando seu deslocamento dentro da água, e também como proteção adicional, assim como o muco que recobre externamente o corpo de todas as espécies de peixes.

PESQUE E SOLTE

Por que praticar o pesque-e-solte?

A princípio, soltar os peixes pode parecer um absurdo. Às vezes é difícil realizar uma boa pescaria, ou capturar um grande peixe, e depois você ter de soltá-lo(s)! Embora muitas vezes incompreendido, o ato de pescar e soltar é um aliado dos pescadores e principalmente dos guias de pesca, hotéis e pousadas que trabalham neste ramo do turismo. O fato é que está cada vez mais difícil fazer uma boa pescaria, ou mesmo apanhar um peixe grande. Mesmo que a pesca com linha e anzol seja menos prejudicial que a pesca desordenada ou irregular feita com redes, espinhéis e outras formas proibidas pela legislação, sem contar as alterações ambientais como a poluição dos rios e lagos, construção de barragens etc. A pesca amadora também contribui para a diminuição da quantidade de peixes.

Por isso é necessário que o guia de pesca se conscientize de que a matança indiscriminada de peixes, tanto pequenos como grandes, contribuirá cada vez mais para a diminuição dos peixes e seus cardumes, dificultando cada vez mais a atividade do turismo de pesca. Isto não quer dizer que a partir de agora o guia de pesca deve ser virar o protótipo de um “ecoxiita”, soltando e pedindo para os turistas não levarem nenhum peixe para casa. Não! Mas ele deve se conscientizar, e conscientizar os turistas pescadores, sobre a importância de soltar os peixes para que a atividade de pesca amadora continue existindo. Levar alguns peixes para comer com a família ou com os amigos é um direito de todo cida-

dão, desde que esteja dentro das leis, respeitando os tamanhos mínimos e a cota de captura da região e com a licença de pesca em dia. Mas será que é preciso levar todos os peixes capturados apanhados na pescaria, ou matar principalmente os maiores exemplares?

Vamos usar como exemplo o modelo de pesca usado no Pantanal Matogrossense até pouco tempo. Mais de 30 anos de pesca amadora existia constante e a pesca profissional, resultaram em pescarias cada vez mais fracas, com peixes cada vez menores. Hoje exemplares pequenos de dourado, jaú, surubins e pacu, são de pouco interesse para o pescador amador e também para o profissional. Se tirarmos sempre todos os grandes exemplares, estes se tornam cada vez mais raros. Como tudo que estivesse acima do tamanho mínimo de captura geralmente era levado sem a menor consideração. O resultado é que hoje se apanham muitos peixes no Pantanal, mas vários apresentam o comprimento abaixo do tamanho mínimo de captura, sendo necessário capturar grandes quantidades de peixes para conseguir um único exemplar acima do tamanho mínimo de captura estipulado pelos órgãos ambientais do Estado e/ou do Ibama. E o que é pior, geralmente os peixes maiores é que são prontamente sacrificados.

A consequência direta deste processo é que a maioria dos indivíduos capturados hoje são pequenos não apenas por serem jovens, mas também porque a pressão de pesca exercida ao longo do tempo sobre os indivíduos maiores foi diminuindo o tamanho médio da população. Como em qualquer espécie, em peixes também há uma variabilidade das características entre os indivíduos, e a população é composta por indivíduos grandes, médios e pequenos. Com os peixes grandes sendo retirados, os pequenos ficam “responsáveis” pela reprodução e reposição dos estoques, e certamente a próxima geração vai “puxar” a aparência dos pais (geneticamente falando), diminuindo sucessivamente seu tamanho médio ao longo do tempo. Tal fenômeno é gradativo e extremamente

lento, não ocorrendo da noite para o dia. Porém, a pesca indiscriminada no Pantanal Mato Grossense que ocorre a mais de 30 anos já dá mostras de seu efeito e é suficiente para que comecemos a perceber tal efeito nos peixes daquela região.

Aí é que entra a prática do pesque-e-solte. Durante a pescaria observe os peixes que apresentam ferimentos mais graves, selecione estes peixes para o turista levar para casa ou comer no local da pescaria. Continue com a pescaria, capturando e devolvendo à água os demais peixes que apresentarão maior capacidade de sobrevivência. Não solte somente os pequenos exemplares, com tamanho abaixo da medida mínima de captura, como também os grandes peixes, que se tornam cada vez mais raros e difíceis de pescar. É preciso respeitar as futuras gerações e começar a repensar e agir diferente. É importante soltar os peixes pequenos, mas os grandes também!

A prática moderna do pesque-e-solte trouxe para os pescadores amadores e guias de pesca um novo conceito, o da pesca esportiva. Ela pode ser definida como a pesca realizada por pessoas que apreciam estar em contato com a natureza e praticam disputam com os peixes todo o seu conhecimento e técnica. Hoje estes turistas valorizam muito mais estar no meio ambiente, o passeio e ficar junto com os amigos que a captura dos peixes em si. Como, então, não há necessidade de se levar um monte de peixes para casa, então é mais fácil soltar a maioria dos peixes pescados. O guia de pesca pode sugerir que os pescadores registrem o seu feito tirando fotografias ou filmando os peixes capturados pescados. Uma recordação que vai ficar para sempre. Depois os peixes serão devolvidos ao seu ambiente com muito respeito, da maneira correta. Experimente e sugira aos pescadores o ato de soltar os peixes, principalmente os grandes exemplares. É emoção na certa!

Qual é a maneira correta de pescar e soltar os peixes?

1. Planejamento ao preparar o equipamento

A preparação do equipamento para a prática do pesque-e-solte começa antes mesmo do início pescaria. O guia deve ajudar o pescador a escolher, ou sugerir, o material mais adequado às condições de pesca, tipo de peixes e tamanho médio dos exemplares que estão sendo pescados na época. Este cuidado irá influenciar fortemente a sobrevivência dos peixes que vão ser pescados e soltos. É preciso preparar o equipamento de forma que proporcione emoção ao pescador, mas ao mesmo tempo não force demais o peixe, sem que a briga se estenda por um período muito longo, o que pode deixá-lo exausto, demorando muito para se recuperar ou mesmo causar sua morte.

O equipamento deve estar equilibrado na medida adequada a proporcionar emoção ao pescador, e ao mesmo tempo não levar o peixe à exaustão, por alongar demasiadamente o tempo da briga. Dessa maneira o pescador estará sempre colocando à prova suas habilidades e o peixe poderá ser libertado com grandes chances de sobreviver.

Dimensionamento das varas, linhas e carretilhas/molinetes

A escolha correta do material é fundamental para o sucesso da pescaria e para garantir maiores chances de sobrevivência para os peixes.

As linhas devem ser um pouco mais grossas e resistentes que o necessário, para evitar que se quebrem durante a briga (deixando que o peixe fuja com o anzol ou isca artificial pendurada na boca ou no corpo), e para trazer o peixe um pouco mais rápido para o pescador, diminuindo o estresse causado pela captura.

A escolha da vara também é importante pois uma vara muito flexível

ou mole, ou lenta, dependendo da ocasião, pode aumentar bastante o tempo de briga com o peixe. Varas muito duras também não são ideais no caso de peixes com boca muito mole ou frágil, já que podem causar grandes ferimentos durante a briga. Portanto, é preciso escolher a vara mais adequada de acordo com a boca do peixe. Espécies com boca mole requerem vara de ação lenta, enquanto que para as de boca mais dura, uma vara de ação rápida ajudará a cravar o anzol com maior facilidade.

A escolha entre molinete ou carretilha é muito pessoal, e já que o nível tecnológico que tais equipamentos alcançaram os tornam apropriados às mais diversas situações de pesca. Porém diferenças existem e devem ser ressaltadas: no quesito força de tração, para peixes muito fortes a carretilha leva vantagem, enquanto que o molinete ganha em precisão e distância dos arremessos.

Anzóis sem farpa, circle hook, anzóis de rápida corrosão

Existem hoje no mercado anzóis especiais para a prática do pesque-e-solte, como os modelos que são comercializados já sem a farpa, que facilita a retirada do anzol sem causar maiores ferimentos ao peixe fisgado, e também facilita a retirada do anzol, no caso do pescador ou guia de pesca se espetar. Anzóis sem farpa não são recomendados na pesca de peixes que se debatem e pulam muito como, por exemplo, o dourado, o matrinxã e o tucunaré. O anzol circular (circle hook) é muito eficiente ao fisgar os peixes na região do canto da boca ("canivete"), sem comprometer órgãos mais sensíveis às fisgadas como a língua, esôfago e guelras (brânquias). Estes anzóis possuem uma curvatura especial, com a ponta voltada para dentro, de modo que não se prendem em qualquer parte, mas sempre no canto da boca. Além destes modelos existem outros com ligas de metal especiais de rápida corrosão, que se soltam pouco tempo depois do peixe ser solto.



Fonte: Arquivo Alec K. Zeinad

Iscas artificiais x iscas naturais

Em muitas ocasiões a isca artificial pode ser usada para substituir a pesca com iscas naturais. Diversos estudos comprovaram que, apesar da aparência, as iscas artificiais munidas com garatúas são menos prejudiciais que um só anzol iscado com isca natural. Uma vez que as garatúas possuem três pontas, a chance de se fisgar o peixe na região da boca é bem maior, causando assim ferimentos em uma região composta principalmente por pele e ossos, que não possui muitos vasos sanguíneos. O anzol simples iscado com isca natural normalmente é engolido mais facilmente, podendo se prender à parte inicial do trato digestivo e em regiões com grande número de vasos sanguíneos, como a base da língua e as gueltras. Isto causa um maior número de feridas que podem levar o peixe solto à morte.

Equipamento para segurar o peixe (manipulação): alicate de contenção, bicheiro, bogagrip, puçá, luvas



Fonte: Arquivo Alec K. Zeinad

Utilizar equipamentos para segurar/mexer nos peixes é quase sempre o mais indicado. Eles diminuem o contato do pescador com o corpo do peixe, evitando a retirada do muco que recobre o corpo e também machucados que possam ser provocados por este contato. É também um fator de segurança a mais para o pescador, uma vez que evita ferimentos com espinhos, ferrões e dentes que podem ser bastante dolorosos e sérios. É preciso atenção na escolha da ferramenta mais indicada, de acordo com a espécie que se vai pescar. Tenha sempre à mão pelo menos duas ferramentas para a manipulação dos peixes.

Existem várias formas/métodos para retirar o peixe da água, que variam de acordo com o tipo de peixe, suas características físicas (anatomia externa) e condições de pesca. É sempre bom ter mais de uma opção já que o fator surpresa é comum durante uma pescaria. O uso correto dos equipamentos também influencia muito na sobrevivência do

peixe que vai ser solto. O bom senso e a experiência contam muito na escolha da melhor ferramenta e forma para embarcar e manusear.

Mãos

Sem sombra de dúvida é o melhor meio para segurar e manusear o peixe capturado. Segurar o peixe de maneira firme e com as mãos é uma boa forma de manipular o peixe. Infelizmente nem todos sabem a maneira correta de segurar determinado peixe e manuseá-lo, causando mais problemas que benefícios. Também é difícil segurar alguns peixes com as mãos sendo que, em alguns casos, o pescador precisará usar ferramentas especiais.

O maior problema em segurar os peixes com as mãos é o contato com o muco protetor que reveste o corpo dos peixes. O muco deixa o peixe escorregadio e facilita que escape das mãos e caia, o que não é nada recomendável. A melhor maneira de segurar um peixe com as mãos é prender a mandíbula (parte inferior da boca) com o polegar e o indicador de uma das mãos (no caso de peixes sem dentes, ou com dentes pequenos e que não machuquem a mão do pescador) e com a outra segurar firmemente no pedúnculo caudal (região que está antes da cauda). Para retirar a menor quantidade possível de muco, molhe as mãos antes de segurar o peixe. Peixes pequenos podem ser apanhados somente com uma das mãos, de maneira mais fácil. Cuidado com os raios duros, espinhos e ferrões!

Alicate de contenção

Levando-se em conta a relação custo-benefício, este dispositivo não pode faltar na caixa do guia de pesca. Barato, confeccionado em alumínio

ou plástico, confere leveza à ferramenta e permite segurar os peixes firmemente pela mandíbula. É uma excelente ferramenta. A desvantagem é que não pode ser usado em peixes com dentição pontiaguda e protuberante, pois fica fácil quebrar os dentes. Por não ter uma balança acoplada, é preciso retirar o peixe do alicate e colocar na balança, arriscando-se a deixar o peixe cair. No entanto, é um equipamento indispensável.

Boga grip

Ferramenta desenvolvida nos EUA, o boga grip revolucionou o conceito de equipamentos para manipulação de peixes. O sistema de pinça que aperta conforme o peso, além da balança acoplada que já informa o peso dos animais, é fantástico! Hoje existem muitos similares nacionais, sendo que alguns são muito bons. Apresenta como única desvantagem o fato de que a pinça segura o peixe pela mandíbula por um único e pequeno ponto, impedindo que se segure o peixe pela cabeça de modo firme. Isto dá mobilidade ao peixe, que pode se balançar bastante e se machucar. Peixes onde o "queixo" (sínfise mandibular) não é ossificado pode parti-lo, prejudicando sua sobrevivência.

Bicheiro

Bastante usado na pesca de alto-mar e para segurar peixes grandes, o bicheiro serve para espetar o peixe em qualquer parte do corpo, causando muitas vezes machucados sérios e, conseqüentemente, a morte do indivíduo. Contudo, é possível usá-lo no pesque-e-solte, desde que seja utilizado de forma correta e com muito critério.

O bicheiro deve ser colocado de dentro para fora da boca, passando sempre pela mandíbula na região logo atrás do "queixo". O peixe será

então suspenso pelo maxilar inferior e manuseado. É uma excelente ferramenta e com preço bem acessível. Leva grande vantagem no manuseio de peixes com dentição pontiaguda, pois não causa quebras de dentes, e de grandes exemplares. Exige muito cuidado no manuseio para o pescador não se ferir ou ferir alguém a bordo. É recomendável colocar um pedaço de borracha ou rolha na ponta enquanto o bicheiro não está sendo usado.

Puçá

É um dos equipamentos mais tradicionais no manuseio de peixes, assim como as mãos e o bicheiro. Normalmente é usado para embarcar grandes peixes, peixes de difícil manuseio e quando se pesca de grandes altitudes, como nas plataformas marinhas. Indispensável neste último caso, não é uma das melhores opções já que retira muito muco do corpo do peixe, bem como escamas, machucando muito o animal. Os nós das malhas do puçá também podem causar lesões nos olhos, além de danificar nadadeiras e espinhos. Existem hoje malhas desenvolvidas para minimizar alguns desses problemas como as confeccionadas em tecido macio e sem nós, como seda ou silicone, como os usados nos puçás na pesca de trutas e salmões.

Luvras

Muito utilizada na pesca de alto-mar para segurar grandes peixes, também pode ser usada para o manuseio de peixes menores, sem dentição pontiaguda. A desvantagem é que retira muito muco do corpo e não deve ser usada na boca de peixes com dentes grandes e pontiagudos. É muito usada para segurar peixes com pele abrasiva, como cações e tubarões de pequeno e médio porte.

Quais os fatores que podem influenciar a sobrevivência do peixe?

1. Tempo de manipulação (estresse)

É evidente que ao ser retirado da água, o peixe não estará confortável. Ele é retirado de seu meio natural, a água, o que lhe causa bastante desconforto e traz riscos para sua vida. O melhor a fazer é mantê-lo fora da água o menor tempo possível. Mesmo assim, algumas poucas espécies podem se estressar bastante e, portanto, deve se evitar retirá-las da água.

Planejar o que cada um fará após a captura e embarque do peixe é o primeiro passo e deve ser coordenado pelo guia de pesca. O segundo passo é manter o equipamento para o embarque a postos, assim como câmeras e filmadoras e é obrigação do guia. Se mais de um membro da equipe quiser segurar o peixe para tirar fotografias, o melhor é voltar o peixe para a água. Peixes muito grandes e mais sensíveis devem ser mantidos na água o tempo todo ou o maior tempo possível. O melhor a fazer é entrar na água, quando for possível, ou se agachar no bordo da embarcação para se aproximar do peixe. Além de observar estes aspectos é preciso muita prática e conhecimento da biologia básica dos peixes que se pretende capturar e manusear, para que a eficiência da soltura seja a maior possível.

2. Falta de oxigênio (Anóxia)

A falta de oxigênio é um fator muito relevante para as espécies de peixes que exigem maior teor de oxigênio dissolvido, como os que vivem em cachoeiras e corredeiras e na coluna d'água. Exemplos são as cachorras, bicudas e apapás na água doce. Sugere-se que estes peixes

sejam mantidos sempre na água, ou o maior tempo possível. Retirá-los só por breves períodos, nunca ultrapassando mais que 20 a 30 segundos. Quando o peixe é retirado da água as lamelas branquiais se juntam, diminuindo a superfície de exposição para a oxigenação e causando sérios problemas para as espécies mais sensíveis.

3. Compressão de órgãos internos e vasos sanguíneos (Fator peso)

Como os peixes vivem no meio líquido, água, existe a ação constante da uma força chamada de empuxo. Você pode comprovar a existência desta força quando carrega dentro da água um objeto pesado que carregaria com muita dificuldade fora da água. Desta forma seus órgãos internos e sistemas estão preparados para funcionar no meio aquático. Ao retirá-lo da água estas forças deixam de atuar, provavelmente trazendo sensações "desagradáveis" aos peixes. Fatos como a compressão dos órgãos internos, além do fechamento de pequenos vasos sanguíneos que apresentam a parede mais fina, podem ocorrer em maior ou menor grau dependendo da espécie de peixe manuseada. Por isso recomenda-se manter o peixe na posição horizontal, ou seja, a mesma que ocupa quando está na água. Evite mantê-lo com a cabeça ou a cauda para cima ou para baixo. Pequenos vasos sanguíneos situados nestas extremidades podem se romper, causando sangramentos pequenos (micro hemorragias) que podem levá-lo à morte.

4. Ressecamento da pele

Em muitas espécies, o muco protetor que envolve o corpo dos peixes resseca com facilidade, perdendo a sua função. O muco funciona como uma camada que aumenta a hidrodinâmica do peixe, reduzindo o atrito, além de atuar como barreira para a entrada de doenças. Portanto, evite

manusear o peixe com as mãos secas e deixá-lo durante longos períodos fora da água. Molhar o peixe que está fora da água pode ser uma boa providência para evitar o ressecamento da pele.

Como segurar e soltar o peixe?

1. Posição para segurar: horizontal

Fora d'água

Mantenha o peixe sempre na posição horizontal ao segurá-lo fora da água. Segure a cabeça e o corpo firmemente. Esteja preparado porque o peixe pode se debater.

Dentro d'água

Para manusear peixes grandes, muitas vezes a melhor opção é mantê-lo manuseá-lo dentro da água. O peixe deve ser mantido total ou parcialmente dentro d'água, com a cabeça segura de alguma forma, pelas mãos, bicheiro ou boga grip, trabalho que deve ser executado sempre pelo guia de pesca. Manter o barco em leve movimento para a frente ajuda o peixe a respirar, uma vez que oxigena as guelras, diminuindo seu estresse. Se o pescador estiver pescando na margem, como por exemplo na beira de um grande poço, grandes peixes também podem ser manipulados dentro da água. Se estiver próximo à uma área segura, com água rasa e com pouca correnteza, leve os grandes peixes fígados até lá para retirar o anzol, tirar fotos/filmar e liberar o animal. Cuidado com os espinhos e os dentes de algumas espécies de peixes.

2. Embarque

Se o peixe for muito grande, o guia de pesca pode usar a borda do barco para apoiar o peixe a fim de tirar os anzóis. Isto pode ser feito com a ajuda de um grande bicheiro, introduzido da maneira correta, apoiando o peixe pela parte inferior da cabeça. Fique atento para manter a boca do peixe sempre aberta para facilitar o manuseio.

3. Soltura

Posição e local para soltura

Escolha sempre uma região com águas calmas para soltar os peixes. A força da água às vezes é muito forte e pode carregar um peixe cansado, deixando-o à mercê de pequenos e grandes predadores. O guia de pesca deve esperar, ou aconselhar o pescador, que o peixe se recupere antes de liberá-lo. Não tenha pressa em soltá-lo, espere que esteja bem, com todos os reflexos em ordem. Se o peixe for pescado em um rio aponte sempre sua cabeça para a direção da corrente de água, de onde ela vem, porque ao passar pelas brânquias a água ajudará a aumentar a oxigenação e diminuirá o tempo de recuperação. Só libere o peixe quando este fizer uma boa força para tentar se soltar. Evite manter o peixe preso por muito tempo para não aumentar o estresse.

Tempo para a soltura

Dependendo da espécie de peixe e de suas condições físicas gerais, os peixes podem requerer maior ou menor tempo para se recuperar após serem pescados. A intensidade da briga também contará muito nesta hora, assim como o tempo que o peixe for mantido fora da água. Lembre-se que uma briga mais curta e menor tempo de exposição ao

ar, aumentam a chance de sobrevivência e diminuem consideravelmente seu tempo de recuperação.



DICAS RÁPIDAS PARA O PESQUE-E-SOLTE

- Pescar com anzol sem farpa facilita na hora de soltar os peixes;
- Usar equipamentos equilibrados, ou seja, não muito leves para apanhar grandes peixes. Um grande exemplar capturado com material leve pode exigir um grande tempo de briga que pode ocasionar sua morte por exaustão. Reforce um pouco mais o equipamento para diminuir o tempo de briga e assim garantir que o peixe poderá sobreviver depois de solto;
- Manter o peixe sempre na horizontal, como se estivesse dentro da água, para não comprimir os órgãos internos, o que pode causar a morte de espécies mais sensíveis à captura e manuseio;
- Não retirar o muco protetor do corpo dos peixes. Ele evita o contágio por certos tipos de doenças e garante uma melhor hidrodinâmica ao peixe. Não use panos, toalhas ou papéis para segurar o peixe. Manuseie os peixes sempre com as mãos molhadas;
- Utilizar alicate de contenção ou do tipo bogagrip para retirar o(s) anzol(is), segurando o peixe pela boca é uma boa opção. Isso evita maiores danos tanto ao peixe quanto ao pescador e menor contato no manuseio. Quando usar bicheiro, colocá-lo na parte inferior da boca, de dentro para fora, encaixando na parte interna do "queixo". Ao usar alicates e bicheiros, tome cuidado para não quebrar dentes, perfurar ou espremer a língua e as guelras dos peixes. Embarcar os peixes com puçás ou com as próprias mãos, desde que estejam molhados;
- Não manter o peixe fora da água por muito tempo, apenas o suficiente para tirar o(s) anzol(is) e fazer algumas fotografias. Se o peixe for muito grande, evite tirá-lo todo fora da água. Agache na borda da embarcação, ou entre na água se for possível, para manuseá-lo e tirar fotos ou filmar, garantindo melhor sua sobrevivência;
- Não aperte ou fure a língua e guelras dos peixes, que são muito frágeis e possuem importante irrigação sanguínea. Ao capturar um peixe, se ele sangrar muito, opte por sacrificá-lo e soltar os demais peixes que não apresentarem sangramentos. Solte o peixe com cuidado segurando-o pela cauda e apoiando pelo ventre, esperando que se recupere até conseguir nadar normalmente. Evite segurá-lo pela boca ou com as mãos sobre os opérculos. Deixe a cabeça e boca livres para o peixe poder respirar sozinho. Tente soltar o peixe em água calma e mais próximo possível do local da captura.

PESQUE E SOLTE

No mundo todo, a produção de iscas artificiais está se desenvolvendo rapidamente e é cada vez maior a variedade de marcas, modelos, formatos, cores, ações etc. Neste tipo de pescaria a dinâmica é maior, pois o pescador sai à procura dos peixes em vez de esperar que estes venham até sua isca. No Brasil a produção de iscas cresce dia após dia, tendo daquelas que imitam peixes (plugues) até as iscas de borracha (plásticas) que imitam minhocas e camarões e as iscas de metal que não se parecem com nenhum tipo de alimento entre outras. Nossas iscas são tão boas quanto as importadas e prova disso é o fato de que elas estão exportadas para países com grande tradição na pesca como Argentina, Austrália e EUA.

Normalmente as espécies de peixes mais procuradas pelos pescadores que usam iscas artificiais são aquelas consideradas predadoras carnívoras, que costumam se alimentar de outros seres vivos, principalmente outros peixes, insetos e crustáceos, e são bastante agressivas quando estão com apetite ou defendendo seus filhotes (e áreas de reprodução) ou o território onde vivem.

Por isso quando se utiliza iscas artificiais, o pescador deve tentar reproduzir o que acontece na natureza, dando vida às iscas para que se pareçam com um ser vivo ou algo animado e com isso desperte o instinto do peixe em atacar a isca. Outros fatores podem despertar a vontade dos peixes atacarem uma isca artificial além da fome, tais como curiosidade, proteção de território, reflexo e competitividade entre outros.

A maioria dos pescadores sabe que, para cada tipo de pescaria, existe uma série muito grande de variáveis. Cada tipo de peixe apresenta hábitos distintos, além de alterar com frequência o seu padrão de comporta-

mento. Poderia ser escrito um livro sobre cada tipo de peixe, ou espécie, e cada tipo de ação de isca artificial mereceria um capítulo específico.

Desta forma este tema será abordado de forma genérica para que o guia tenha, pelo menos, noções básicas sobre este assunto, mesmo correndo o risco de se falar de forma muito simplista.

Condições externas como temperatura, variações climáticas, além da pressão atmosférica, são fatores que podem definir o sucesso ou não de uma pescaria, isso sem falar na cor, transparência, temperatura, grau de oxigênio dissolvido e nível da água, que também são muito importantes. A adaptação do pescador à essas condições é um grande desafio que se enfrenta. Além disso, não se pode esquecer que toda regra tem exceções, principalmente quando se fala em pescaria.

No que se refere ao uso de iscas artificiais, três regras são básicas para um bom resultado:

A - Arremesso: na maioria das vezes um arremesso fora da área de ação do peixe será perdido. Como a idéia é reproduzir a situação encontrada na natureza, ou de algo que simplesmente desperte a vontade de atacar, o arremesso deverá ser feito no local onde a espécie que está sendo pescada, costuma se alimentar ou atacar, em seu raio de ação.

B - Ação da isca: muitos são os modelos e ações das iscas artificiais. Uma mesma isca poderá ser trabalhada de maneiras diferentes. Conhecê-las e experimentá-las é uma das chaves para o sucesso. Às vezes basta mudar um pouco a ação para despertar no peixe a vontade de atacar. Isto pode ser tentado principalmente quando o pescador observa o peixe seguir a isca sem atacá-la.

C - Variedade: é fundamental o pescador ter em mente que o peixe nem sempre ataca qualquer isca artificial. Experimentar iscas de ações

diferentes, que trabalham em profundidades distintas, com cores variadas e em velocidades alternadas, faz com que o peixe ataque as iscas naquele momento e, com isso o pescador ganha eficiência na pescaria. Muitas vezes basta mudar a cor de um determinado modelo de isca com certo tipo de ação, para despertar no peixe a vontade de atacar.

Para facilitar o entendimento do universo das iscas artificiais, vamos dividi-las em quatro grandes grupos: Superfície, Meia Água, Fundo e Metálicas.

SUPERFÍCIE

As iscas de superfície são trabalhadas basicamente na superfície da água, atraindo o peixe não só pelo movimento, mas também pelo barulho e vibração que produzem quando são movimentadas. Podem ter barulho interno (chocalho ou rattlin) ou ser maciça e fazer som apenas segundo sua ação. Muitas vezes os peixes preferem iscas menos barulhentas; em outras, quanto mais barulho melhor!



Fonte: Arquivo Alec K. Zeinad

MEIA ÁGUA

Normalmente são iscas que imitam peixes dotados de barbelas, que se parecem com um tipo de "língua", de metal ou plástico, e que atraem o peixe pelo movimento que executam abaixo da linha da água, normalmente apresentado um nado natural ou com maior ou menor vibração.



Fonte: Arquivo Alec K. Zeinad

FUNDO

Como o próprio nome diz, são trabalhadas em grandes profundidades, muitas vezes próximas ao fundo. Algumas dessas iscas podem, dependendo da forma de recolhimento, serem trabalhadas na meia água ou até na superfície.

EQUIPAMENTOS

O guia de pesca tem por obrigação conhecer bem todos os tipos e equipamentos de pesca, não só para si, mas, principalmente, para ajudar a orientar o turista pescador, que pesca algumas vezes por ano e não tem a prática e a vivência do guia.

Existem diversos tipos de equipamentos que servem para o mesmo propósito, ou seja, capturar peixes. Salvo algumas exceções, quanto o uso de determinado tipo de equipamento é fundamental para o sucesso da pescaria, o que vai definir o tipo a ser utilizado é o gosto pessoal do pescador/cliente, que prefere utilizar este ou aquele tipo de equipamento. Por exemplo, isto é válido para a pesca de tucunarés, que podem ser pescados como uma simples linha de mão, com vara e molinete ou carretilha, ou com equipamento de fly, quer seja utilizando iscas naturais de pequenos peixes ou pedaços (filezinhos), iscas artificiais feitas com fibras naturais, penas, pêlos, madeira, metal, borracha ou plástico.

Desta forma os equipamentos podem ser divididos em dois grandes grupos: aqueles usados para pescar com iscas artificiais como os conjuntos de molinete ou carretilha (baitcasting) ou a pesca com mosca (fly fishing).

Uma das discussões mais comuns é se carretilha é melhor que o molinete. Embora em algumas pescarias um seja melhor que outro (Por exemplo, a pesca com iscas muito leves o molinete leva vantagem, mas quando se precisa de maior força no recolhimento a carretilha leva mais vantagem), no fundo o que vai definir o tipo é o gosto pessoal e a adaptação de cada pescador. O guia deve conhecer bem e saber pescar com ambos, pois assim poderá atender qualquer tipo de pescador.



Fonte: Arquivo Alec K. Zeinad

METÁLICAS

São iscas bastante atrativas, não só pelo movimento vibratório como pelos reflexos do metal. Podem se parecer com um peixe ou não se parecer com nenhum tipo de alimento natural.



Na pesca com fly (mosca), as iscas artificiais são feitas com pêlos, penas, materiais sintéticos como isopor, EVA, madeira balsa e até pequenas quantidades de metal. Normalmente as iscas são confeccionadas com materiais muito leves e quando são arremessados não conseqüem “puxar” a linha como no caso da pesca convencional realizada com iscas naturais ou artificiais (plugues), que tem peso e quando são arremessadas levam a linha junto “de carona”. Na pesca com mosca quem tem peso é a linha e esta é que é arremessada, levando a isca de “carona” ou “de reboque”.

As varas para pesca com fly também são diferentes, com cerca de três metros de comprimento e alta tecnologia, com baixo peso e maior flexibilidade. O movimento da linha no ar parece como se fosse “chicotada”, é muito bonito e a briga com o peixe fica mais emocionante pela leveza do equipamento.

As carretilhas para pesca com mosca também são exclusivas e servem mais para armazenar a linha. Elas não têm guia-fio e a maioria não tem fricção, que deve ser feita com a palma da mão aberta colocada embaixo do carretil.

Conferindo o Equipamento

A seguir são listados alguns itens importantes com relação ao equipamento de pesca, fáceis de checar, e que podem garantir muito sucesso na pescaria:



- Verifique sempre o estado geral da vara de pesca. Veja se não há falhas no corpo, rachaduras, quebras etc. É bom também verificar os passadores que, após o uso prolongado, ou no caso de um equipamento velho e bastante usado, costumam apresentar rachaduras, sulcos e estrias internas causadas pelo atrito da linha. Nesses casos, é melhor optar por outra vara e levar esta a uma oficina especializada para trocar os passadores. Estão excluídos dessa vistória, os passadores de ligas especiais, como de titânio. Jamais coloque a vara no chão, sob risco de alguém pisar em cima;

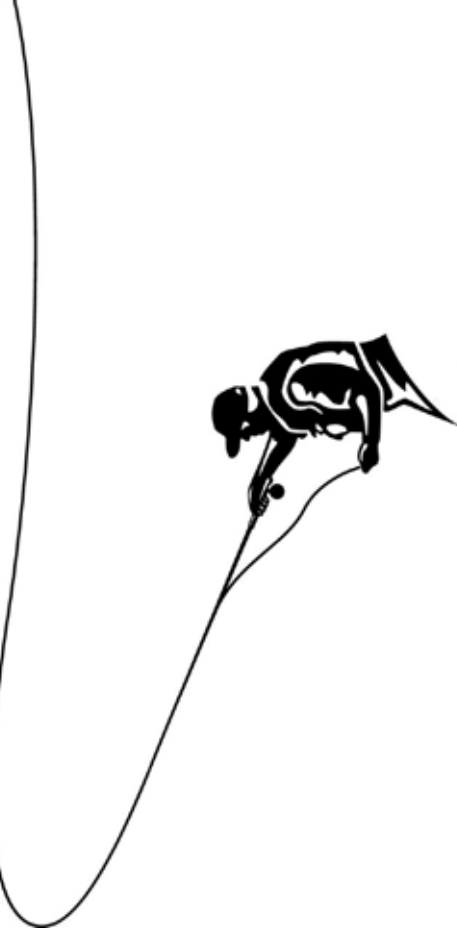
- As linhas são submetidas constantemente a grandes esforços e, portanto, precisam ser trocadas com frequência, especialmente na pesca de tucunarés que exigem muito deste componente. Verifique sempre o estado geral das linhas, principalmente os metros iniciais. Veja se não há partes marcadas ou raladas, como aquelas provocadas pelo atrito com rochas ou troncos. Linhas velhas devem ser trocadas imediatamente, sob o risco de se quebrarem com facilidade. Os líderes também devem ser verificados. No caso de pesca com iscas artificiais, em meio a obstáculos como pedras, troncos e galhadas, é melhor trocar o líder a cada dia de pescaria.

- Os anzóis e garateias precisam estar sempre bem afiados para garantir uma maior eficiência das fígadas. É importante ter à mão anzóis novos e uma boa lima para afiá-los sempre que for preciso. Nunca misture anzóis usados e enferrujados com anzóis novos. Existem muitos modelos e marcas que são afiados quimicamente e a ferrugem pode comprometer os demais anzóis do pacote. Nunca se esqueça de amassar a farpa dos anzóis, principalmente dos pescadores novatos e inexperientes, já que as chances de ocorrer um acidente são maiores e, principalmente, machucar menos os peixes que serão soltos.

- As carretilhas e molinetes devem estar sempre limpos e lubrificados. Eles garantem bons arremessos. Apesar de se pescar na água doce, o pH muito ácido da água do rio Teles Pires pode corroer principalmente os rolamentos e partes de metal que ficam molhadas por mais tempo, por isso a manutenção é fundamental. A fricção deve estar trabalhando perfeitamente, impedindo a quebra da linha. Nunca, em hipótese alguma, coloque o molinete ou carretilha no chão, sobre a areia ou a terra, que são inimigas desses aparelhos podendo comprometer seu bom funcionamento e até estragar a pescaria.

- Sempre que possível, lave bem e lubrifique os apetrechos de pesca. Não os deixe ao sol quando não for necessário. Após as pescarias, lave os equipamentos (tirando restos de peixe, escamas, iscas, terra, areia etc.) com sabão ou detergente neutro e água, e deixe-os secando na sombra.

Pesca com Mosca ou Fly Fishing



Fonte: Curso de pesca Fly Fishing de Gerson Kawamoto

Esta modalidade é sem sombra de dúvida muito esportiva e a mais antiga na pesca com iscas artificiais. Inicialmente foi utilizada na pesca de trutas e salmões, evoluindo depois para outros tipos de peixes. Hoje em dia é possível pescar com "moscas" praticamente todos os tipos de peixes, desde os predadores carnívoros, herbívoros e até os onívoros.

Quando os ingleses começaram a pescar trutas e salmões, há alguns séculos, eles usavam insetos artificiais feitos com pêlos, lãs e penas, devido à fragilidade dos verdadeiros, para imitar tanto a sua forma adulta quanto seus estágios de desenvolvimento tais como as larvas, pupas e ninfas. Entretanto, com o passar do tempo, começaram a ser inventadas iscas diferentes do padrão, principalmente nos Estados Unidos, que imitam peixes, crustáceos, anfíbios, ovas de peixes e até répteis e pequenos mamíferos! Contudo, o nome "mosca" se tornou popular e toda isca arremessada com equipamento de Fly é, genericamente, chamada de mosca.

No Brasil com sua ictiofauna riquíssima (mais de 2.600 espécies na água doce e 1.300 na água salgada), as possibilidades de se inventar moscas que também imitam flores e frutos, itens muito apreciados por grande número de nossas espécies, abre um campo totalmente inexplorado para os atadores de moscas, que puderam dar "asas à imaginação". Aliás, a arte de atar moscas (Fly Tyer), é um hobby fascinante e absorvente. Assim quando o pescador não estiver pescando, poderá estar atando moscas para suas próximas pescarias.

Devido à falta de literatura em português e a ausência até recentemente de equipamentos apropriados para esta modalidade nas lojas de pesca, o esporte evoluiu muito lentamente no Brasil.

O que caracteriza o arremesso de mosca, que o difere de todas as outras modalidades de pesca, é que a linha é arremessada devido ao seu peso e volume, e na realidade a "mosca" só pega "carona" na linha. Nas outras modalidades é o peso da chumbada, anzol e isca ou a isca artificial, que leva a linha, quase sem peso, até o alvo. Por isso, quanto mais leve e menos volumosa for a mosca, mais fácil será arremessá-la.

Inglês

O Brasil tem atraído cada vez mais turistas do exterior que se encantam com seus peixes e belezas naturais. As operações de pesca na bacia do rio Teles Pires vão trazer muitos pescadores de outros países e que utilizam a língua inglesa para se comunicar. Neste tema não se tem a pretensão de ensinar o guia a falar inglês, mas sim, ensinar algumas palavras e termos básicos para que, no mínimo, possa dar segurança ao turista que vem pescar e melhorar a prestação do seu serviço.

NÚMEROS	NUMBERS	(NÁMBERS)
1	ONE	(UÃN)
2	TWO	(TU)
3	THREE	(TRI)
4	FOUR	(FÓR)
5	FIVE	(FÁIVE)
6	SIX	(SIKS)
7	SEVEN	(SÉVEN)
8	EIGHT	(ÊITI)
9	NINE	(NÁINE)
10	TEM	(TÉN)
11	ELEVEN	(ILÉVEN)
12	TWELVE	(TUÉLVE)
13	THIRTEEN	(TÁRTIIN)
14	FOURTEEN	(FÓRTIIN)
15	FIFTEEN	(FÁIVETIIN)
16	SIXTEEN	(SIKSTIIN)
17	SEVENTEEN	(SÉVENTIIN)

18	EIGHTEEN	(ÊITIIN)
19	NINETEEN	(NÁINETIIN)
20	TWENTY	(TUÉNTI)
30	THIRTY	(TÁRTI)
40	FOURTY	(FÓRTI)
50	FIFTY	(FIFTÍ)
60	SIXTY	(SIKSTÍ)
70	SEVENTY	(SEVENTÍ)
80	EIGHTY	(ÊITÍ)
90	NINETY	(NÁINETÍ)
100	HUNDRED	(RÃNDRED)
200	TWO HUNDRED	(TU RÃNDRED)
300	THREE HUNDRED	(TRI RÃNDRED)
400	FOUR HUNDRED	(FÓR RÃNDRED)
500	FIVE HUNDRED	(FÁIVE RÃNDRED)
1000	THOUSAND	(TAUSAND)
2000	TWO THOUSAND	(TU TAUSAND)
3000	THREE THOUSAND	(TRI TAUSAND)
4000	FOUR THOUSAND	(FÓR TAUSAND)
5000	FIVE THOUSAND	(FÁIVE TAUSAND)

EXPRESSÕES	EXPRESSIONS	(equispréxons)
SIM	YES	(IÉS)
NÃO	NO	(NOU)
POR FAVOR	PLEASE	(PLÍS)
OBRIGADO	THANK YOU	(TENQUIÚ)
DE NADA	YOU ARE WELCOME	(IU AR UELCÂM)
DESCULPE	SORRY	(SÓRRI)
PERDÃO	PARDON	(PÁRDON)

POSSO AJUDÁ-LO?	CAN I HELP YOU SIR?	(KÉNAI RÉUPIÚ, SÁR)
POSSO AJUDÁ-LA?	CAN I HELP YOU MISS?	(KÉNAI RÉUPIÚ, MISS)
TOME CUIDADO	TAKE CARE	(TEIQUÉR)
SEJA CUIDADOSO	BE CAREFULL	(BÍ QUÉRFUL)
BOM DIA	GOOD MORNING	(GUD MÓRNIN)
BOA TARDE	GOOD AFTERNOON	(GUD AFTERNUN)
BOA NOITE	GOOD EVENING	(GUD ÍVININ)
BOA NOITE	GOOD NIGHT	(GUD NÁITE)
ATÉ AMANHÃ	SEE YOU TOMORROW	(SÍ IU TUMÓROU)
COM LICENÇA	EXCUSE ME	(ISKÍUSIMI)
PESCAR	FISHING	(FISHING)
NADAR	SWIM	(SUIJM)
REMAR	ROW	(ROU)
IR	GO	(GOU)
RETORNAR	RETURN/COME BACK	(RITURN / CÂM BÉQUIT)
LIGAR	TURN ON	(TÁRN ÓN)
DESLIGAR	TURN OFF	(TÁRN ÓFI)

PALAVRAS	WORDS	(UÔRDS)
HOJE	TODAY	(TUDÉI)
ONTEM	YESTERDAY	(IÉSTERDEI)
AMANHÃ	TOMORROW	(TUMÓROU)
MAIS OU MENOS	MORE OR LESS	(MÓR ÓR LÉS)
BONITO	BEAUTIFUL	(BIÚTIFUL)
FEIO	UGLY	(ÁGLI)
AQUI	HERE	(RÍER)
CALOR	HOT	(RÓT)
FOGO	FIRE	(FÁIER)
FRIO	COLD	(COLD)
GELO	ICE	(AISS)

DIA	DAY	(DÉI)
NOITE	NIGHT	(NÁITE)
SOL	SUN	(SÁN)
LUA	MOON	(MUN)
CHUVA	RAIN	(RÂN)
NUVEM	CLOUD	(CLÁUD)
ENSOLARADO	SUNNY	(SĂNI)
NUBLADO	CLOUDY	(CLAUDÍ)
CÉU	SKY	(SCAÍ)
ONDA/MAROLA	WAVE	(UÊIVI)
ÁGUA	WATER	(UÓTER)
ÁGUA DOCE	FRESH WATER	(FRÉSH UÓTER)
ÁGUA PRETA	BLACK WATER	(BLAQUI UÓTER)
ÁGUA CLARA	CLEAR WATER	(CLIAU UÓTER)
ÁGUA BRANCA	WHITE WATER	(UAITE UÓTER)
VENTO	WIND	(UIND)
RIO	RIVER	(RÍVER)
LAGO	LAKE	(LAIQUE)
IGARAPÉ	STREAM	(ISTRIM)
MARGEM DO RIO	RIVER BANK	(RÍVER BĂNQUI)
ÁRVORE	TREE	(TRI)
ARBUSTO	SHRUB	(SHURUB)
TRONCO	TRUNK	(TRĂNKI)
PRAIA	BEACH	(BITCH)
IGAPÓ	FLOODED FOREST	(FLÓDED FORESTI)
BREJO	MARSH PONDS	(MARSHI POUNDIS)
AVE/PÁSSARO	BIRD	(BĂRD)
JACARÉ	ALLIGATOR	(ÓLIGATOR)
BOTO	DOLPHIN	(DOLFIN)
MACACO	MONKEY	(MÔNQUEI)

ARIRANHA	OTTER	(ÓTER)
ROCHA	ROCK	(RÓQUI)
SOLO	SOIL	(SÓIL)
AREIA	SAND	(SĀND)
ARGILA	CLAY	(QLEI)
LAMA	MUD	(MĀDI)
CHEIO	FULL	(FÚL)
VAZIO	EMPTY	(EMPITÍ)
DIREITA	RIGHT	(RAITE)
ESQUERDA	LEFT	(LÉFITI)
DEVAGAR	SLOW	(ISLÓU)
DEPRESSA	FAST	(FÁSTI)
EN FRENTE	IN FRONT OF	(IN FONT ÓF)
ATRÁS	BACK	(BÁQUI)
FUNDO	DEEP	(DIPI)
RASO	SHALLOW	(SHÁLOU)
LOCAL DE PESCA	FISHING SPOT	(FISHING ISPÓT)
VAMOS	LET'S GO	(LETIS GOU)
PEQUENO	SMALL	(ISMÓUL)
GRANDE	BIG	(BIGUI)
ÓCULOS ESCUROS	SUN GLASSES	(SĀN GLASSES)
CHAPÉU	HAT	(RÁT)
PROTETOR SOLAR	SUN BLOCK	(SĀN BLOQUI)
CREME HIDRATANTE	MOISTURIZING CREAM	(MÓISTURIZIN CRIM)
REPELENTE	INSECT REPELLENT	(INSECT REPÉLENT)
CAPA DE CHUVA	RAIN JACKET	(RĒIN JEQUETI)
CALÇAS	PANTS	(PĀNTIS)
CAMISA	SHIRT	(SHĀRTÍ)
CAMISETA	T SHIRT	(TÍ SHĀRTI)
BERMUDA	BERMUDA	(BERMIUDA)

SHORTS	SHORTS	(SHÓRTIS)
CUECA	UNDER PANTS	(UNDER PÁNTIS)
SAPATOS	SHOES	(SHUES)
HAVAIANAS	FLIP-FLOP	(FLIPI FLÓPI)
MEIAS	SOCKS	(SÓQUIS)
CĀIBRA/CÓLICA	CRAMP	(CRĀMP)
DOR DE CABEÇA	HEADACHE	(RÉDEIQUE)
QUEIMADURA DE SOL	SUNBURN	(SĀNBĀRN)
LANTERNA	FLASHLIGHT	(FLĒSH LÁITE)
LANTERNA DE CABEÇA	HEAD FLASHLIGHT	(RĒD FLĒSH LÁITE)
LÂMPADA	LAMP	(LĀMP)
PILHAS	BATTERIES	(BÁTÉRIES)
GARRAFA	BOTTLE	(BÓTOU)
LATA	CAN	(CĀN)
CAIXA TÉRMICA	COOLER	(CULER)

CORES	CÓLORS	(CÓLORS)
BRANCO	WHITE	(UÁITE)
VIOLETA	PURPLE	(PĀRPOU)
AZUL	BLUE	(BLÚ)
AZUL ESCURO	DARK BLUE	(DARQUI BLÚ)
AZUL CLARO	LIGHT BLUE	(LÁITI BLÚ)
VERDE	GREEN	(GRIN)
VERDE ESCURO	DARK GREEN	(DARQUI GRIN)
VERDE CLARO	LIGHT GREEN	(LÁITI GRIN)
VERDE LIMÃO	CHARTREUSE	(CHARTREUZE)
AMARELO	YELLOW	(IÉLOU)
AMARELO CLARO	LIGHT YELLOW	(LÁITI IÉLOU)
LARANJA	ORANGE	(ÓRANGE)
VERMELHO	RED	(RĒDI)

VERMELHO ESCURO	DARK RED	(DARQUI RÉDI)
VERMELHO CLARO	LIGHT RED	(LÁITI RÉDI)
MARROM	BROWN	(BRĀUM)
PRETO	BLACK	(BLÉQUI)
CINZA	GRAY	(GRAI)

PEIXES	FISHES	(FISHIS)
ACARÁ AÇU	ÓSCAR	(ÓSCAR)
BAGRE	CAT FISH	(QUÉTI FISH)
BICUDA	PIKE CHARACIN	(PÁIQUE CARACIN)
CASCUDO	ARMORED CATFISH	(ARMORED QUÉTI FISH)
CACHORA	PAYARA	(PAIÁRA)
LAMBARI	MINNOW	(MÍNNOU)
PACU	PACU	(PACU)
PESCADA	CROAKER	(CROUQUÉR)
PIRARARA	RED TAIL CATFISH	(RÉDI TAIL QUÉTI FISH)
RAIA	STING RAY	(STINGUI RÉI)
SURUBIM	SURUBIM	SURUBIM
TUCUNARÉ	PEACOCK BASS	(PICÓQUI BÉSS)
TRAIÃO	WOLF FISH	(UOLFI FISH)

COMIDAS E BEBIDAS	FOODS AND DRINKS	(FUDESND DRINKIS)
CAFÉ DA MANHÃ	BREAKFAST	(BRÉQUIFÉST)
ALMOÇO	LUNCH	(LĀNTCH)
JANTAR	DINNER	(DÍNÉR)
BEBIDA	BEVERAGE	(BEVERAIGE)
COMIDA	FOOD	(FUD)
FOME/FAMINTO	STARVING/HUNGRY	(ISTÁRVIN / RĀNGRI)
REFRIGERANTE	SOFT DRINK	(SÓFTI DRINQUI)

REFRIGERANTE	SODA	(SÔDA)
COCA-COLA	COKE	(COUQUÉ)
UÍSQUE	WHISKY	(UÍSQUE)
VINHO	WINE	(UAINE)
CERVEJA	BEER	(BÍER)
ACÚCAR	SUGAR	(CHUGAR)
SAL	SALT	(SALT)
O SR. QUER BEBER ALGO?	ANYTHING TO DRINK SIR?	(ÉNITING TU DRIN- QUI SĀR?)
O SR. QUER COMER ALGO?	ANYTHING TO EAT SIR?	(ÉNITING TU IT SĀR?)
O SR. ESTÁ COM FOME?	ARE YOU HUNGRY?	(AR IJU RĀNGRI?)
O SR. ESTÁ COM SEDE?	ARE YOU THIRSTY?	(AR IOU TĀRSTI?)

EQUIPAMENTOS DE PESCA	FISHING TACKLE	(FISHING TÁCOU)
VARA	ROD	(RÓDI)
LINHA	LINE	(LÁINE)
CARRETILO	REEL	(RIUL)
CARRETILO	BAIT CASTING REEL	(BÊT CÁSTINGUI RÍUL)
MOLINETE	SPINNING REEL	(ISPÍNINGUI RÍUL)
LÍDER	LEADER	(LÍDER)
ANZOL	HOOK	(HUQUI)
ISCA ARTIFICIAL	LURE	(LURR)
ISCA NATURAL	BAIT	(BÊITI)
MOSCA	FLY	(FLÁI)
ALICATE	PLIER	(PLÁIER)
TESOURA	SCISSORS	(CIZOURS)
CORTADOR DE LINHA	LINE CUTTER	(LÁINE CĀTER)

FIO DE AÇO	WIRE	(UÁIÉR)
BARCO	BOAT	(BÓUTI)
MOTOR DE POPA	OUTBOARD ENGINE	(AUTBÓRD ÉNGIN)
PLATAFORMA	PLATAFORM	(PLÉTFORM)
VARA/ZINGA	POLE	(POULE)
MOTOR ELÉTRICO	ELETRIC MOTOR	(ELÉTRIC MÓTOR)
CORDA / CABO	ROPE	(ROUP)
ÂNCORA	ANCHOR	(ÉNCOR)
REMO	OAR	(OUAR)
GASOLINA	GAZ	(GUÉS)
ÓLEO	OIL	(ÓIL)
TANQUE	TANK	(TÊNQUI)
LUZES	LIGHTS	(LÁITES)
CHUMBADA	LEAD	(LID)

TIPOS DE PESCAS	TYPES OF FISHING	(TÁIPS OF FISHING)
RODADA	DEAD DRIFT	(DÉD DRIFITI)
PESCA DE BARRANCO	FISHING ON STIP MARGIN	(FISHIN ON STIP MÁRGIN)
PESCA CAMINHANDO	WADING	(UÉIDING)
PESCA COM MOSCA	FLY FISHING	(FLÁI FISHING)
CORRICO	TROLLING	(TRÓLING)
PESCA DE ARREMESSO	BAIT CASTING	(BÉIT CASTING)
PESCA COM MALHADEIRA	FISHING NETWORK	(FISHING NÉTI UÓRK)

SENTENÇAS	SENTENCES	(SÊNTÊNCIS)
GOSTARIA DE PESCAR EM OUTRO LUGAR?	WOULD YOU LIKE TO FISH IN OTHER PLACE?	(UDIU LÁIQUE TU FISH IN ÓDER PLÉICE?)
O BARCO ESTÁ RONTO	THE BOAT IS READY	(DE BOUTS RÉDI)
BELO PEIXE O SR. PESCOU!	NICE FISH YOU CAUGHT, SIR!	(NÁIS FISH IU CÓT SĂR)
ESTE PEIXE PESA CERCA DE ... QUILOS	THIS FISH WEIGHS ABOUT... KILOS	(DÍS FISH UÊIS ABOUT QUILOS)
ESTE PEIXE ESTÁ ABAIXO DO TAMANHO PERMITIDO	THIS FISH IS BELOW THE PERMITTED SIZE	(DÍS FISH IS BILOU DE PERMIT SÁIZ)
PESQUE E SOLTE UMA PESCA GICA	THE CATCH AND RELEASE IS AN ECOLOGICAL FISHING	(DE QUETI END RILÍSE IS AN ECOLÓGICAL FISHIN)
PODEMOS PARTIR?	CAN WE LEAVE?	(QUÉNUI LIVE?)
A QUE HORAS O SR. QUER VOLTAR?	WHAT TIME DO YOU WANT TO COME BACK?	(UÁTÁIME DU IÚ UANT TU CAM BÉC)
O SR. NÃO ESQUECEU NADA?	DIDN'T YOU FORGET ANYTHING?	(DIDĂN IU FORGET ÉNITIN?)
OBRIGADO EU NÃO FUMO	THANK YOU I DON'T SMOKE	(TÉNKIUI ÁI DONT ISMOUQUE)

RELACIONAMENTO

O relacionamento entre o cliente pescador e o guia de pesca é um dos pontos mais importantes para o sucesso de uma operação de pesca. É com o guia que o turista passa a maior parte do tempo e dele depende grande parte do sucesso da pescaria.

A relação entre o guia e o cliente pode ser decisiva para que o pescador sinta vontade de retornar à operação/destino, mesmo que a pesca não seja das melhores. Lembre-se destas questões quando sair para levar seu cliente para pescar.

APRESENTAÇÃO E COMPORTAMENTO DO GUIA DE PESCA

É bom lembrar que o cliente passa a maior parte do tempo da pescaria junto com o guia. Dele o turista espera segurança, amizade, orientação, informação e ajuda, para tornar sua pesca melhor, mais produtiva e agradável.

Se o cliente não se sentir à vontade, não interagir bem com o guia de pesca, os dias se tornarão muito desgastantes e a experiência desagradável, deixando que a pescaria deixe de ser uma viagem boa e relaxante para se transformar em momentos que deverão ser esquecidos. E desta forma o cliente também passará a falar mal da operação, o que não é nada bom e desejável.

Para o guia o ato de sair para pescar pode se tornar rotina, mas não se pode esquecer que o cliente vem sonhando com este momento, muitas vezes por meses e até anos, então espera que tudo funcione bem e dê certo. Por isso o guia deve estar sempre disposto e alegre, pensando em realizar um sonho. Não estrague este momento mágico!

É natural que o guia seja um apaixonado pela pescaria, e tenha vontade de pescar todos os dias, mas precisa entender que sua função não é se divertir, mas sim trabalhar e atender o turista da melhor forma possível e fazer com que ele pesque bastante, com qualidade, a maior quantidade de peixes possível, de exemplares de qualidade. Lembre-se que o cliente pagou muito caro para estar pescando naquela semana. Cabe ao guia respeitar e compreender que este momento é de lazer para o turista e não para ele!

O cliente espera que o guia possa ajudá-lo e orientá-lo durante sua estada num lugar muito especial, muitas vezes quase inacessível, e onde pode encontrar uma natureza farta e bela, praticamente virgem, com a possibilidade de se fisgar bons peixes.

Jamais pesque com o cliente, mesmo no caso dele insistir! O guia deve ficar atento ao trabalho, cuidando da segurança e colaborando da melhor forma para que o pescador faça a pescaria de sua vida. Não cabe ao guia pescar para mostrar como se faz, isto pode se virar contra e ao invés de incentivar pode desestimular o pescador. Na média, o guia sempre pescará muito melhor que o turista. Não caia na besteira de tentar medir forças.

Como o primeiro contato do pescador com o guia é visual, vale a pena cuidar da aparência, que vai desde limpeza, cabelo e barba aparados e arrumados, com a roupa em ordem e no modo de ser, que deve ser assertivo, transmitindo tranquilidade, alegria, confiança e segurança!

Abaixo são transmitidas algumas dicas que parecem comuns e conhecidas, mas que vale a pena repetir:



CUIDADOS COM A HIGIENE

- O cabelo deve estar sempre cortado ou penteado;
- A barba deve estar feita ou bem cuidada
- Ao tossir leve a mão à boca, use um lenço ou simplesmente vire o rosto para o outro lado;
- O ato de cuspir, arrotar alto ou soltar gases por querer é total falta de educação;
- Lave as mãos com frequência; se for fumante lave as mãos com maior frequência e lave-as bem depois de mexer com produtos com cheiro forte como gasolina, repelente, protetor solar etc.



COMPORTEAMENTO

- Jamais fique sentado ao ser apresentado a alguém;
- A expressão "você" é a forma de se tratar pessoas da mesma idade. "Senhor" ou "Senhora" é mais educado ao falar com pessoas mais velhas ou desconhecidas;
- Nunca peça cigarros ao cliente;
- O guia de pesca está a trabalho e jamais deve beber qualquer bebida alcoólica no exercício de sua função. Como o pescador está de férias, ele pode beber;
- Evite bocejar na frente das pessoas;
- Nunca se deve falar mal do colega de trabalho para os hóspedes. A sensação é desagradável e deprecia muito a estrutura de pesca;
- O barco deve estar sempre limpo e seco, abastecido com combustível, gelo e bebidas;
- O horário de saída para a pescaria tem que ser respeitado com rigor. O guia deve chegar sempre antes do pescador para coordenar e organizar tudo e estar completamente pronto para o momento que seu cliente chegar;
- Ajude o pescador a carregar a tralha de pesca e se ofereça para montá-la, estes são sinais claros de interesse e demonstra parceria;
- Oriente sempre o turista de forma educada, pedindo sua permissão;
- No caso do pescador jogar lixo na água, mesmo que por descuido, o guia não deve falar nada, mas sim retornar o barco pegar e guardar o lixo. O exemplo é bem melhor que a discussão;
- Sempre leve um saco de lixo a bordo para que nada fique no barco ou no local de parada para um banho ou refeição.

Um hóspede satisfeito com o serviço de seu guia de pesca não só retornará, como também o indicará para os amigos e futuros clientes, além de recomendar a estrutura de pesca, levando o projeto a obter cada vez mais sucesso!



CONVERSAÇÃO

- Não faça piadas ou gozações. O humor é uma arte difícil. Mesmo que o pescador ache engraçado evite entrar no jogo;
- Não procure agradar excessivamente já que pode parecer bajulação;
- Procurar ler o que puder, desde revistas, jornais e outros já que quanto mais informação tiver, mais fácil será conversar;
- O linguajar deve ser respeitoso, correto, claro e objetivo;
- O que não foi entendido deve ser perguntado novamente. Não se deve ter vergonha de não saber tudo. É melhor dizer "não sei" do que querer enganar ou contar mentiras;
- Durante a conversa evite críticas, questões polêmicas e comentários à parte;
- Valorizar, elogiando os peixes e a pescaria do turista, é bem melhor do que comparar o peixe dele com o de outros pescadores;
- Deve-se falar com emoção, naturalidade, clareza, simpatia e sentimento;
- O tom de voz não deve ser muito alto;
- O guia deve estar sempre atento à conversa e demonstrar interesse;
- Não fale muito, apenas o necessário ou quando for interperado.



